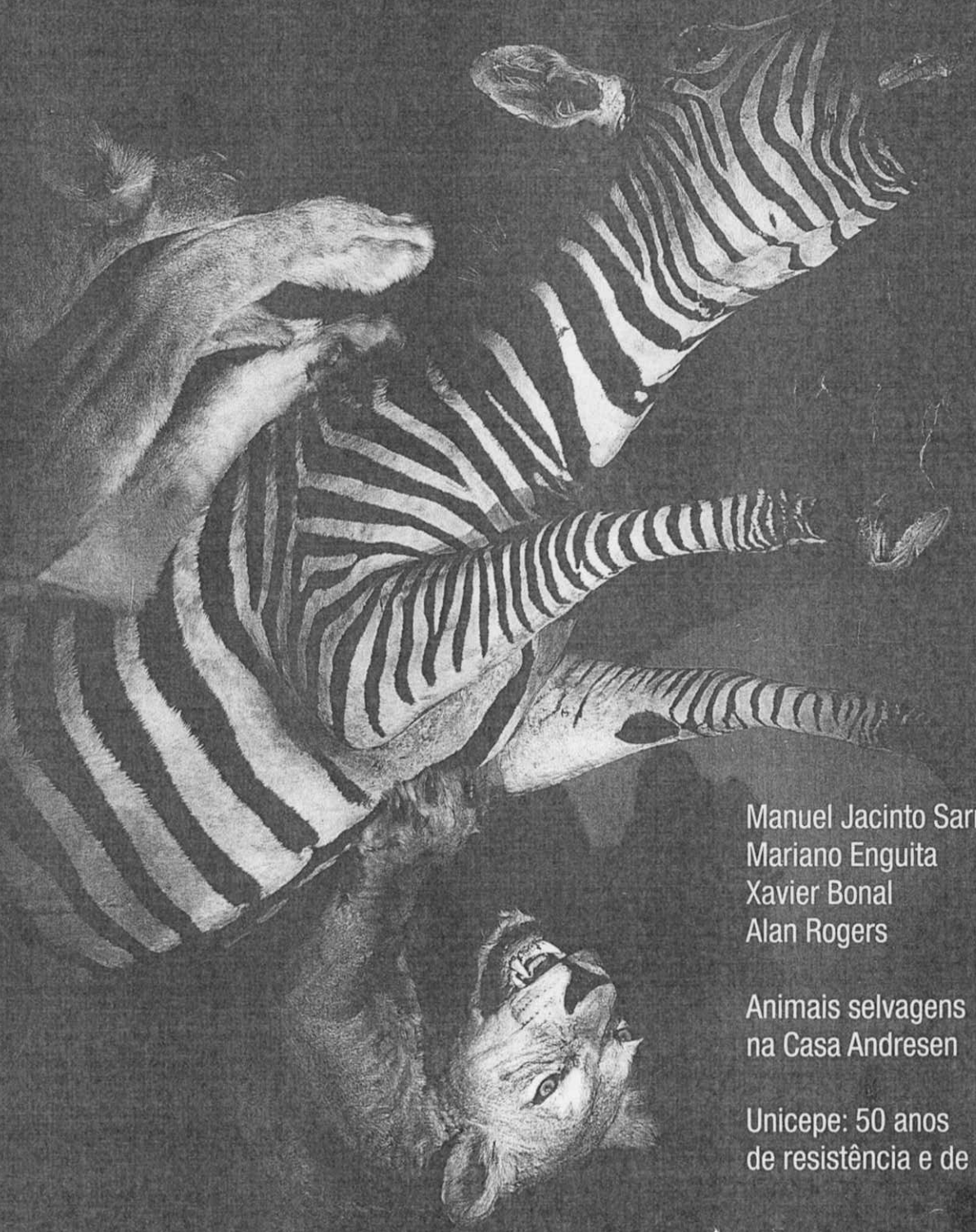


social nº 201 - outubro 2012 - www.scp.pt/educap - 4 €

# a Página

da educação



Manuel Jacinto Sarmento  
Mariano Enguita  
Xavier Bonal  
Alan Rogers

Animais selvagens  
na Casa Andresen

Unicep: 50 anos  
de resistência e de afetos

**NOS 20 ANOS  
DA PÁGINA  
UMA NOVA  
COLEÇÃO**



Um livro de leitura obrigatória para todos os educadores e professores, pedagogos e investigadores, pais e encarregados de educação, bem como para políticos e cidadãos, já que percorre vários andamentos da nossa história contemporânea, analisados por José Paulo Serralheiro, entre fevereiro de 1992 e abril de 2002, nas páginas d'a *Página da Educação*.



Com um título particularmente sugestivo e interpelante, Miguel Santos Guerra recorda que não há outra forma de viver a "apaixonante questão da cidadania", senão através de um compromisso quotidiano com a prática da democracia enquanto escola de liberdade – liberdade teimosamente perseverante na defesa da convivência solidária, da justiça e da paz social.



Além da pertinência das análises, assume aqui particular evidência a articulação eficaz entre temas de política educacional, desenvolvidos no âmbito da produção académica, e preocupações emergentes dos contextos de ação, dando origem a um discurso lógico, ainda que marcado pelo vivido. Nesta continuidade entre investigação, docência e vida, Almerindo Janela Afonso oferece-nos belíssimas páginas de esperança, de responsabilidade e de liberdade.

Conviver é viver com os outros [Xesus Jares], o que nem sempre é fácil. Contudo, “aprender a viver juntos” é hoje um dito que, felizmente, começa a entrar no vocabulário de muita gente. O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors, terá contribuído para a incorporação desse dito e para o sentir dessa necessidade e formação para a interculturalidade.

A Pedagogia Social, através da educação intercultural, da educação para a cidadania, da educação social, tem sido, provavelmente, o saber orientador dessa atitude de inclusão, acolhimento e hospitalidade [Isabel Baptista]. Atitude e prática de aprender a (con)viver. Na verdade, podemos viver de costas voltadas uns para os outros – em discordância, de mãos dadas – em concordância, o que resultaria numa possibilidade de postura dualista e bicultural. Num paradigma de maior complexidade, podemos aceitar que temos partes de nós que comunicam e se identificam com as de outros, ou não, levando a que, às vezes, nos identificamos com esses outros e outras vezes não.

A Pedagogia Social e a Educação Social deverão sensibilizar, também, para a tomada de consciência da incompletude de cada um e para a potencialidade de enriquecimentos com a interação com os outros, mas também para a dificuldade que é viver entre diferentes, sejam pessoas, grupos sociais, grupos de pares, grupos étnicos, geracionais, etc.

Não é tarefa fácil viver entre diferentes. Parece ser mais fácil, ainda que mais monocultural e pobre, epistemologicamente, quando somos todos iguais. Mas, mesmo assim, a tensão social está também eminente, pois o excesso de semelhança leva

à busca da diferença, à reinvenção de si (J. Kaufman, *A Invenção de Si*) e à distinção (Pierre Bourdieu).

Para viver em sociedade, o que significa de alguma forma viver sempre entre diferentes, não bastam as palavras apregoadoras de maior abertura e tolerância ao outro. Urge uma prática e comunicação intercultural nos vários contextos da vida, que se posicione sobre uma compreensão do outro, uma intercompreensão, e que vá, claro, para além da tolerância, uma prática de educação social que a Pedagogia Social pode potenciar.

Efetivamente, a tolerância não basta. Pelo menos como produto/valor acabado. Tolerar o outro, ainda que seja melhor que excluí-lo diretamente, é apenas aceitar que ele exista, sem mudança processual nossa ou dos outros em resultado da comunicação e interação. Assim, a tolerância pode muito bem resultar num processo de exclusão territorial, como é o caso dos guetos habitacionais e outros, e produzir mais incomunicação do que comunicação e troca linguística e cultural.

Portanto, ser tolerante, ou tolerar a tolerância, é aceitar um mundo estático pouco aberto à convivência, o que implicaria, claro, viver com os outros e não à margem dos outros. Por outro lado, tolerar a intolerância é também ficar nesse lugar de conforto sociocultural e permitir, muitas vezes, a injustiça como prática social.

Conviver implica, também, saber comunicar. E comunicar significa “pôr em comum”. Na comunicação, muitas vezes, os estereótipos sociais constituem obstáculos ao entendimento dos outros. Os preconceitos tornam difícil a intercompreensão, sendo fundamental, nessas circunstâncias, um mediador intercultural na construção de uma espécie de protocolo que permita

a comunicação através do domínio dos códigos cujo desconhecimento gera incompreensão, estranheza e conflito.

Comunicar não passa, portanto, apenas por conhecer vocabulário, regras gramaticais e saber dizer. É preciso, também, saber ouvir, entender, e saber quando e como falar para que os outros nos entendam ao mesmo tempo que os entendemos. E isso implica competências sociais e competências interculturais. Competências hermenêuticas de pensar o mundo interior dos outros, multitematicamente. Rir ou falar dos outros é fácil, mas urge aprender a falar aos outros, como disse T. Todorov (*Nous et les autres*), para que possamos viver com os outros. Ou, como nos ensinou Paulo Freire, urge que o texto e o contexto se remetam mutuamente.

Por vezes, as partes em interação conseguem ter suficientes competências mediadoras para a intercompreensão, outras vezes é preciso como que uma tradução não só linguística, mas também cultural, o trabalho de mediador intercultural, que surge como uma terceira pessoa que fomenta a intercompreensão e a interculturalidade num trabalho de mediação preventiva para que haja entendimento, mesmo que entre algumas tensões. Isto implica romper com a unilateralidade comunicativa, a típica informação das culturas hegemónicas para as menos dominantes, a obediência sempre dos mesmos.

O mediador intercultural será um tradutor e facilitador e buscará vias para que a vivência não gere conflitos sociais e possibilite a (con)vivência. Quando o conflito emerge, o mediador tem um papel fundamental na gestão e resolução dos conflitos de entendimento, de decisão, opção, etc., que esperamos ir explorando neste espaço ao longo das próximas edições.

Ana Vieira  
Ricardo Vieira

*Não é tarefa fácil viver entre diferentes. Parece ser mais fácil quando somos todos iguais, mas ainda assim a tensão social está eminente, pois o excesso de semelhança leva à busca da diferença, à reinvenção de si e à distinção*





***PEDAGOGIA SOCIAL,  
COMUNICAÇÃO  
E MEDIAÇÃO  
INTERCULTURAL***